EU E TU

Um filme de Bernardo Bertolucci

Com Tea Falco, Jacopo Olmo Antinori, Sonia Bergamasco, Veronica Lazar

2012 | Itália | M/12 | 1h53 | M/12

Festival de Cinema de Cannes – Selecção Oficial – Fora de Competição
Lisbon & Estoril Film Festival – Selecção Oficial – Fora de Competição

Sinopse

Lorenzo (Jacopo Elm Antinori) tem 14 anos e é um jovem tímido, mesmo anti-social. Mas recusa-se a levar uma existência banal. Gosta de ler e ouvir música. A sua maior ambição é viver só, sem conflitos, sem ruídos ou qualquer tipo de interferência. Para isso, durante uma semana de férias, diz aos pais que vai esquiar com um grupo de amigos e resolve esconder-se na cave da casa. Mas tudo muda quando Olivia (Tea Falco), sua meia-irmã, chega para uma visita inesperada e se torna a sua melhor amiga e confidente, que lhe ensinará tudo o que ele nunca aprendeu sobre o mundo ou sobre como sobreviver nele... Depois de *Os Sonhadores* (2003), *Eu e Tu* marca o regresso à realização de Bernardo Bertolucci (*O Conformista, O Último Tango em Paris, O Último Imperador, Um Chá no Deserto*), naquele que seria também o seu derradeiro filme. A história inspira-se na obra homónima do escritor italiano Niccolò Ammaniti, publicada em 2010.

Entrevista de Bernardo Bertolucci à revista *Sofilm*

Passaram dez anos desde o seu último filme, é bastante tempo.

Bernardo Bertolucci – É um período longo. Há três anos, fazia quatro sessões de fisioterapia por semana e pensava: «Nunca mais vou conseguir fazer um filme.»

Estava tão deprimido que não tinha sequer tempo para pensar em cinema. Então, inexoravelmente, apareceu a cadeira de rodas. Bati no fundo. Depois comecei a gostar desta cadeira. Aceitei que estava preso a ela, aceitei a minha situação. Nesse momento, pensei: «Vou trabalhar.» Niccolò (o escritor Niccolò Ammaniti) deu-me este livro, que acabava de ser publicado, li-o e disse para comigo: «Consigo fazer isto». Em primeiro lugar, porque adoro a história e adoro que a acção esteja circunscrita a uma cave. Construímo-la perto daqui, o que foi muito melhor do que na Cinecittà, que sempre detestei. E foi assim que fiz *Eu e Tu*, um «filme de câmara», um «Kammerspiel», como se diz em alemão. É um pequeno filme, como *A Estratégia da Aranha*. Sete semanas de filmagem, uma felicidade total.

Porque pensou que não conseguiria voltar a filmar?

B.B. – Porque já não poderia andar pelo plateau. Sempre andei muito nos meus filmes. Anda-se, mexe-se. Finalmente percebi que as coisas não seriam assim tão diferentes com a minha cadeira de rodas e o seu magnífico *joystick*. Vejam o *making of* do filme, verão que não estou assim tão mal. Acabo de ler um poema da minha amiga Patrizia Cavalli, uma grande poetisa italiana. Ela diz mais ou menos isso: «Essa imobilidade imperial levanta uma grande questão / Não nos podemos mexer / É necessário caminhar?» Não, não é necessário.

«Eu e Tu»: Na cave do tempo que mata ressuscita-se a queimadura da juventude

Eu e Tu rompe inesperadamente com uma ausência muito longa (*Os Sonhadores*, 2003), juntamente com uma doença (Bertolucci apenas se desloca de cadeira de rodas de há alguns anos para cá) acerca da qual o realizador tem mantido uma discrição exemplar. Este filme, aquilo que o torna tão comovente, não é certamente estranho a essa doença e à situação particular que impõe ao seu autor. Encontramos o tema do confinamento, tão significativo para o realizador de *O Último Tango em Paris* e *O Último Imperador*, encarnado aqui através de um adolescente que finge ir numa visita de estudo à neve para, na realidade, se fechar durante uma semana na cave do seu prédio. O rapaz (interpretado com toda a frescura da inocência cinematográfica pelo jovem e lunar Jacopo Olmo Antinori) chama-se Lorenzo, é pouco expansivo e esquiva-se à influência da sua mãe e do seu psicanalista.

Não sabemos ao certo o que motiva o seu gesto, a não ser o desejo feroz de estar sozinho no mundo, clandestino sob o seu próprio tecto, com o seu computador, a sua música preferida, o seu formigueiro recentemente adquirido numa loja de animais e as tuas torradas com Nutella.

Jacques Mandelbaum, *Le Monde* ★★★★★
[Setembro, 2013]

Que jovens? E que famílias?

Cineasta com uma obra que se desenvolve ao longo de meio século, o italiano Bernardo Bertolucci nunca deixou de lidar com os dramas mais íntimos da juventude: assim volta a acontecer no admirável "Eu e Tu", estreado em Cannes/2012. Há uma obsessão central no cinema de Bernardo Bertolucci. Tem a ver com a juventude e poderemos, talvez, resumi-la numa pergunta: como é que os jovens refazem, ou renegam, as heranças dos pais?

Afinal de contas, encontramo-la disseminada por histórias tão diferentes como a do filho revoltado de "Antes da Revolução" (1964), a do filho à procura da herança política do pai em "A Estratégia da Aranha" (1970), ou ainda, claro, a dos filhos errantes nas paisagens urbanas de Maio 68 evocadas em "Os Sonhadores" (2003). "Eu e Tu" [...] foi um dos grandes acontecimentos de Cannes/2012, extra-competição. Estamos, de facto, perante um objecto fundamental no interior dessa lógica filial do cinema de Bertolucci, contando a história insólita do diálogo secreto de Lorenzo (Jacopo Olmo Antinori) com a sua meia irmã Olivia (Tea Falco), por assim dizer tentando preencher a ausência dos adultos. O insólito da história está próximo do *fait divers*. Isto porque tudo começa com a bizarra fuga de Lorenzo: diz aos pais que parte para uma excursão escolar a uma estação de esqui mas, de facto, sai de casa para se instalar na... cave do seu próprio prédio. Dir-se-ia que alguns (anti-)heróis de Bertolucci são, assim, arquitectos de mundos a tender para o incomensurável da utopia; Lorenzo parece tocado pelo mesmo desejo, mas enquista-se no segredo do seu espaço familiar. Não estamos, obviamente, perante um filme de peripécias mais ou menos "agitadas", explorando o vazio gerado pela ausência de argumento ou pelo excesso de efeitos especiais... Nada disso. "Eu e Tu" enfrenta uma questão transversal dos nossos dias: o mútuo desconhecimento das gerações, ou melhor, a penosa desagregação das certezas do espaço clássico da família (ou do espaço da família clássica). Bertolucci sabe filmar as convulsões de tudo isso, não recusando os ecos simbólicos da sua história, mas também evitando quaisquer generalizações simplistas: Lorenzo e Olivia são seres únicos e irredutíveis, não meras marionetas para fazer passar uma "tese" edificante. Veja-se, por isso, a violência gratuita dos retratos juvenis que proliferam em "Morangos com Açúcar" e seus derivados... "Eu e Tu" é um filme feito também contra esse tratamento gratuito da juventude — a intensidade das suas emoções envolve também um sentido eminentemente político da responsabilidade social do cinema.

João Lopes, *Cinemax* [Outubro, 2013]

Rapaz só, rapariga só

Está encontrado o filme de Bertolucci de que mais gostamos nos últimos 30 ou 40 anos. Agora que se extinguiram os nomes da "comédia à italiana", Risi e Monicelli, é à geração de Bernardo Bertolucci e Marco Bellocchio, filhos da *nouvelle vague* e de Pasolini, quem melhor assenta o estatuto de "patriarcas" do cinema italiano.

Bertolucci é mais (re)conhecido, por obra e graça de alguns filmes que se tornaram lendários, do *Último Tango em Paris* ao *Último Imperador*. [...]
Um fio possível para deitar a mão à meada de Bertolucci é a juventude. *The Dreamers* falava do Maio de 68 como uma aventura adolescente, mais sentimental do que política, questão de "lust for life". Os protagonistas de *Eu e Tu* voltam a ser jovens, ainda mais jovens do que os de *Dreamers*. E se estes se enfiavam na cave da Cinemateca Francesa (a aventura também era cinéfila), estes enfiam-se numa cave anónima, cheia de adereços e guarda-roupa, para sessões de terapia convivial, desintoxicação e teatro musical. Explicamo-nos: *Eu e Tu* é a história de um garoto (de fácies muito bem escolhido, tipo Malcolm McDowell borbulhento) em plena idade do armário, que se tranca na cave do prédio durante a semana em que a mãe pensa que ele foi fazer ski com os colegas da escola. Tranca-se por razão nenhuma: pura revolta "sem causa", zangado com os pais, com a escola, com o mundo. Depois aparece-lhe a meia-irmã, mais velha, que também escolheu a cave para se isolar e proceder a uma desintoxicação por conta própria, promessa feita ao namorado. O osso do filme assenta na relação entre eles. E se se pode sempre dizer que isto também é Bertolucci a "enfiar-se na cave" e a voltar costas ao mundo, de tal modo *Eu e Tu* se abstém de referências significativas ao que quer que seja para além da relação entre os dois meio-irmãos, esta história de intimidade subterrânea até resulta bastante bonita. Bertolucci parece lançar algumas pistas, quase *private jokes* – o psicólogo que na primeira cena atende o miúdo está em cadeira de rodas, como, por causa de uma hérnia, Bertolucci está actualmente, e portanto é como se Bertolucci "apadrinhasse" o miúdo; o miúdo que, numa das últimas cenas antes de se encerrar na cave, irrita a mãe com perguntas incestuosas, como se fosse *La Luna* revisto com um sentido de irrisão adolescente. Mas nada disto prevalece sobre o sentido essencial do filme, que é um rumo para a pacificação, uma resolução da "revolta" através da aprendizagem do contacto com os outros. Se a miúda se desintoxica da heroína, o miúdo desintoxica-se da sua aversão ao contacto e ao convívio, aprende que se pode esperar dos outros, em determinadas circunstâncias, alguma coisa boa. Num golpe bastante feliz, Bertolucci transfere integralmente para uma canção de David Bowie (*Ragazzo Solo, Ragazza Sola*, versão italiana de *Space Oddity*), dançada e cantada pelo par de irmãos, a expressão da moral da história e a chave para desatar o seu novelo psicológico. Depois, pode fixar o sorriso do rapaz num paralítico que, de certezinha absoluta, integra uma memória do plano final dos Quatrocentos Golpes. E portanto até é simples: está encontrado o filme de Bertolucci de que mais gostamos nos últimos 30 ou 40 anos.

Luís Miguel Oliveira, *Público* [Outubro, 2013]